

# Uma Igreja profética

## Reflexão à luz da nova evangelização

PE. MIGUEL DE SALIS AMARAL\*

É bastante habitual pensar que o profetismo da Igreja está associado a uma denúncia de situações sociais que são indignas da condição humana. Por isso a expressão «comunidade profética», ou aquela outra de «Igreja profética» exige uma certa explicação. Aquilo de que trataremos neste artigo é do profetismo enquanto momento da transmissão da Palavra de Deus e, portanto, olharemos para a Igreja enquanto encarregada de transmitir o Evangelho de Jesus. Nessa comunicação não estão envolvidos só os membros da hierarquia, os catequistas ou os teólogos, visto que é toda a comunidade eclesial que oferece a Boa Nova da salvação.

Mas esta Igreja transmite o Evangelho a um mundo que, como dizia Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*, acolhe muito melhor os testemunhos que os ensinamentos dos mestres<sup>1</sup>. Aquelas palavras do Pontífice Romano, associadas talvez a um certo cansaço do homem moderno perante os grandes discursos e teorias, levaram os teólogos a olhar principalmente para o valor do testemunho e menos para os argumentos e palavras. Bento XVI quis tornar a tratar do assunto recordando que existe uma relação mútua entre a palavra e o testemunho: a primeira representa o momento racional ou verbal que esclarece e ilumina a experiência da fé, e o segundo mostra a fé vivida e dá credibilidade à palavra

---

\* Professor Associado de Ecclesiologia e Ecumenismo – Pontifícia Universidade da Santa Cruz – Piazza di Sant’ Apollinare, 49 – I-00186 Roma. Email: amaral@cheapnet.it

<sup>1</sup> Cf. PAULO VI, Ex. Ap. *Evangelii nuntiandi* (8 dezembro 1975), 41 e 76, em *Insegnamenti di Paolo VI*, Vol. 13, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana (LEV) 1975, pp. 1402 e 1430-1432.

transmitida, precisamente porque mostra a possibilidade concreta de a viver e a força que ela tem<sup>2</sup>. Vamos pois concentrar a nossa atenção na comunidade que transmite o Evangelho através de momentos verbais e comportamentais, sem os limitarmos ao processo comunicativo da fé entre duas pessoas.

## I. Algumas realidades importantes para a compreensão da comunidade profética

### 1. *A natureza social do homem e a correspondente índole social da Igreja*

Aristóteles transmitiu-nos duas noções do ser humano: uma caracterizada pela racionalidade e outra pela socialidade. Nas diversas épocas históricas o homem viu-se a si próprio prevalentemente segundo uma ou outras destas definições. O liberalismo actual favorece a autocompreensão do homem numa linha mais individual, à custa de escurecer o seu ser social. Esta acentuação do «eu», dos apetites racionais e dos sentimentos próprios, não tem sempre em conta o sentido da liberdade nem o processo pelo qual o homem toma consciência de si e percebe a sua verdadeira identidade, que se realiza e desenvolve no âmbito familiar. Naqueles sítios em que o homem não encontra um contexto social e comunitário tão rico de amor, tem menos capacidade e possibilidades – à partida – de saber quem é, possuir-se a si próprio e dar-se aos outros. E isto deve-se ao facto de que o homem não foi criado para viver isolado: o conjunto das suas relações pessoais favorece o seu desenvolvimento como pessoa, estando até em função dele<sup>3</sup>. Em cada homem existe um reflexo de Deus enquanto Trindade e comunhão de Pessoas.

<sup>2</sup> Cf. BENTO XVI, Ex. Ap. *Verbum Domini* (30 setembro 2010), 97, em *Insegnamenti di Benedetto XVI*, Vol. 6/2, Città del Vaticano: LEV 2010, p. 416.

<sup>3</sup> «Nella ricerca della verità, chi pensa di fare affidamento soltanto sulle proprie forze, senza riconoscere il bisogno che ciascuno ha dell'aiuto altrui, si inganna. L'uomo "fin dalla nascita, si trova immerso in varie tradizioni, dalle quali riceve non soltanto il linguaggio e la formazione culturale, ma molteplici verità a cui, quasi istintivamente, crede [...] Nella vita di un uomo, le verità semplicemente credute rimangono più numerose di quelle che egli acquisisce mediante la personale verifica" (João PAULO II, Enc. *Fides et ratio*, 31, cfr. GS 12). La necessità di affidarsi alle conoscenze trasmesse dalla propria cultura, o acquisite da altri, arricchisce l'uomo sia con verità che egli non poteva attingere da solo, sia con quei rapporti interpersonali e sociali che egli sviluppa. L'individualismo spirituale, invece, isola la persona impedendole di aprirsi con fiducia agli altri – e perciò di ricevere e donare in abbondanza quei beni che nutrono la sua libertà – e mettendo in pericolo anche il diritto di manifestare socialmente le proprie convinzioni e opinioni», CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da Evangelização* (3 dezembro 2007), 5, em «Enchiridion Vaticanum» (EV) 24/1525.

Portanto, é importante reconhecer a natureza social do ser humano e a relevância do tecido de relações em que nasce, cresce e vive, como algo querido por Deus (cf. GS 25 e 32) e que reflecte em certo modo a comunhão intratrinitária. Também é importante ter em conta o carácter social da Igreja fundada por Cristo e que o fim último do homem – a comunhão com a Santíssima Trindade – tem uma natureza social. A perfeição da Igreja revela-se precisamente nessa comunhão do homem com as três Pessoas divinas, tendo uma certa semelhança com o mistério da união entre Elas (cf. GS 24). Dentro desta maior consciência da profundidade e importância da comunidade queremos ler as relações entre a palavra e o testemunho. Concretamente, observaremos a presença delas no processo em que Deus se comunicou aos homens no Antigo e no Novo Testamento, sem esquecer que, além disso, Cristo pediu aos Apóstolos que o imitassem prosseguindo a missão que Ele tinha recebido do Pai.

Estamos convencidos de que o modo em que Deus Uno e Trino se comunicou aos homens na história da salvação, e especialmente através da Encarnação do Verbo, permanece como modelo da comunicação da verdade salvífica para todos os tempos: «assim como o Pai Me enviou, também vos envio a vós» (Jo 20,21). Neste sentido são de grande interesse as palavras de Bento XVI, quando afirma que a «reciprocidade, entre Palavra e testemunho, recorda o modo como o próprio Deus se comunicou por meio da encarnação do seu Verbo. A Palavra de Deus alcança as pessoas “através do encontro com testemunhas que a tornam presente e viva”. Particularmente, as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus “através do encontro e do testemunho autêntico do adulto, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial”»<sup>4</sup>. O texto do Romano Pontífice indica claramente o ambiente comunitário no qual se dá a mútua relação entre palavra e testemunho. Deus quis transmitir a salvação criando Ele mesmo uma comunidade que é descrita como povo, como família ou como comunhão. Tal comunidade deve continuar a missão do Verbo encarnado, pelo que é necessário olhar para como é que se verificou a transmissão da Revelação.

---

<sup>4</sup> BENTO XVI, Ex. Ap. *Verbum Domini* (30 setembro 2010), 97, em *Insegnamenti di Benedetto XVI*, Vol. 6/2, Città del Vaticano: LEV 2010, p. 416; a versão portuguesa é citada da 2ª ed. publicada pelas Paulinas (Prior Velho 2010).

## 2. Palavra e testemunho, duas dimensões inseparáveis da transmissão do Evangelho

Deus quis intervir na história *gestis verbisque* (cf. DV 2), e estas acções e palavras criaram um povo e conformaram-no dum modo determinado que na Nova Aliança se torna «cristão». Além disso, Cristo é o cume da Revelação do Pai aos homens (cf. Heb 1,1). Ele não é só a maior verdade num conjunto de verdades; e aquilo que se transmite não é só o conjunto dos ensinamentos de Jesus, mas também toda a sua vida, mais ainda: a sua Pessoa. O termo «evangelho» tem aqui um sentido que vai mais além de «ensinamento», e isso ilumina a nossa reflexão sobre o modo como Ele é oferecido às novas gerações de cristãos<sup>5</sup>.

Dentro deste povo que é corpo de Cristo e vive estruturado segundo a vontade de Deus dá-se a relação entre palavra e testemunho com vistas à transmissão da Revelação e, por isso, da Salvação. A palavra não é só a unidade verbal de signos de que se compõe a linguagem nem um simples discurso intelectual que nos informa duma realidade. A teologia já explicou que a Palavra de Deus revela ao homem aquilo que é e interpela-o, iluminando e dando sentido às suas perguntas mais importantes. A palavra é sempre viva e acontece no contexto duma experiência pessoal, dum encontro com Deus: os profetas e os apóstolos não se acharam diante dum livro, e sim duma voz, duma Pessoa; e receberam uma missão. Por isso a teologia normalmente acrescenta à Palavra de Deus a categoria de «evento».

O termo «testemunho» é muito rico de sentidos na Sagrada Escritura. As acções de Deus atestam a sua fidelidade, mas também têm um conteúdo: denotam quem é Deus. Por outro lado, o Povo de Israel é testemunha, perante os outros povos, da grandeza de Deus e do Seu desígnio salvífico universal. A transmissão da Palavra de Deus verificou-se, entre outras vias, através da vida do Povo de

---

<sup>5</sup> Como se sabe, na discussão da constituição dogmática *Dei Verbum* o primeiro rascunho do texto considerava a *traditio Evangelii* servindo-se da ideia de transmissão da doutrina de Jesus aos apóstolos. O segundo rascunho incrementou o conteúdo que era transmitido, que além das doutrinas incluía outras realidades cuja origem estava no modo amplo em que a Revelação de Cristo tinha sido dada aos apóstolos, (*ea quae [Christus] per totam suam vitam fecerat et docuerat*). Na terceira versão do texto decidiu-se afirmar ainda mais: além de tudo aquilo que o Senhor tinha feito e dito, os apóstolos transmitiram a pessoa de Cristo, visto que a salvação não vem só do conhecimento daquilo que Cristo disse e fez, através de testemunhas fiáveis, vindo sim da comunhão com Cristo. Por isso os apóstolos não foram enviados só a pregar mas também a realizar acções sacramentais que levam o homem a viver com Cristo, sendo portanto essenciais para transmitir o Evangelho; cf. U. BETTI, *La Costituzione dogmatica sulla divina Rivelazione*, 4ª ed., Torino: Elledici 1967, pp. 224-225; R. ARCE GARGOLLO, *Los apóstoles, transmisores de la Revelación. Historia del texto y estudio crítico del número 7 de la Constitución Dogmática Dei Verbum del Concilio Vaticano II*, em «Excerpta e Dissertationibus in Sacra Theologia» 14 (1988) 326-331 e 348-350.

Deus. Esta vida não é só a parte «experencial» ou não tematizada da Palavra de Deus, pois inclui todo o conjunto de grandes e pequenos acontecimentos, leis, personagens, textos, cultos, festas e modos de viver através dos quais Deus fala aos homens e os homens respondem a Deus. Os profetas também são testemunhas diante do Povo, e o seu testemunho não se esgota num comportamento específico que se deve repetir com uma determinada regularidade, como se fosse um ritual. O testemunho profético não se verifica só na ausência da palavra, como se fosse o correlativo silencioso desta. A própria existência do Povo eleito diante dos outros é um testemunho, como o é a de alguns profetas ou toda a vida de Cristo. O «viver» de cada cristão – hoje – é testemunho, ou é capaz de o ser, e este estado de coisas *foi querido continuamente* por Deus ao longo da história da salvação<sup>6</sup>.

Para poder compreender melhor o que é que significa transmitir com a própria vida a Palavra de Deus no mundo actual é interessante reconsiderar o profetismo no Antigo e no Novo Testamento. Israel conheceu diversos tipos de profetas: alguns tiveram intervenções episódicas, outros transmitiram a mensagem divina durante muito tempo. A comunicação das profecias realizava-se com a palavra ou através de acções que Deus lhes pedia que cumprissem. Às vezes esses actos foram tão importantes na vida dos profetas que estes assistiam a uma grande transformação das suas vidas (às vezes só por causa da obediência a Deus, como é o caso do profeta Oseias e do seu casamento com uma meretriz, outras vezes porque os homens aos quais tinha sido dirigida a mensagem profética não a acolheram, chegando mesmo a prender ou matar o profeta). Jeremias é o grande exemplo desta transformação da própria vida.

Olhando para este fenómeno numa forma mais global, pode-se dizer que todo o Povo eleito é profético, no sentido em que a própria existência de Israel suscitava perguntas nos povos vizinhos, que se interrogavam sobre quem seria esse Deus que agia numa forma tão poderosa e pedia ao seu povo um modo de vida tão exigente. Israel está habituado às intervenções de Deus através de homens, às vezes só com a palavra, e outras vezes com o comportamento de tais homens. Trata-se da via normal de transmissão da Palavra de Deus de Moisés em diante, e é a característica fundamental do profetismo na Sagrada Escritura, muito por cima da simples previsão do futuro, que é a concepção predominante no uso comum e actual do termo<sup>7</sup>. No Novo Testamento, além disso, o profetismo é visto como efeito do Espírito

---

<sup>6</sup> Para uma apreciação do testemunho de Cristo e dos cristãos, e do valor teológico de tais testemunhos, cf. P. O'CALLAGHAN, *El testimonio de Cristo y de los cristianos. Una reflexión sobre el método teológico*, em «Scripta theologica» 38 (2006) 501-568.

<sup>7</sup> Convém ter em conta que o profetismo como previsão do futuro também existe no Novo Testamento, onde Cristo é apresentado como aquele em quem se cumprem as profecias.

Santo nas almas: concretamente, na alma dos escritores neotestamentários, dos profetas existentes na comunidade ou de todos os cristãos em que o Espírito Santo foi derramado (cf. Act 2,17-21 e 19,6)<sup>8</sup>.

O que acabámos de esboçar foi tema de diversos estudos tanto no âmbito da teologia fundamental como no da teologia bíblica. Se usarmos uma perspectiva mais abrangente para observar a transmissão da Revelação, constatamos que ela nunca se dividiu entre palavra e testemunho<sup>9</sup>. Os estudos do último século já mostraram a mútua relação entre os dois. A contextura interior dos dois termos que aqui evocámos brevemente mostram imediatamente muitas das relações que existem entre palavra e testemunho e leva-nos ao ponto seguinte da nossa reflexão, isto é: ao sujeito da transmissão da Boa Nova.

### 3. Quem transmite a Boa Nova da Salvação

Os profetas, no Antigo Testamento, e Cristo, no Novo Testamento, são os sujeitos principais que transmitem a Palavra de Deus aos homens. Mas o fenómeno da transmissão prolonga-se no *tempus ecclesiae* com o envio dos Doze e de todos os discípulos de Cristo (cf. Mt 28,17-18; Jo 17,18 e 20,21)<sup>10</sup>.

Cada cristão transmite a fé e o Evangelho e, no momento em que ele a acolhe verdadeiramente na sua vida, a fé torna-se activa pela caridade (Gal 5,6) e cresce quando é transmitida aos outros como experiência de alegria e de graça. A transmissão da fé implica um testemunho e empenho públicos, não sendo uma gnose que permanece só no sujeito que a recebe nem uma mera inspiração para a actuação pessoal. «A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. E este “estar com Ele” introduz na compreensão das razões pelas quais se acredita. A fé, precisamente porque é um acto da liberdade, exige também assumir a responsabilidade social daquilo em que se acredita. No dia

---

<sup>8</sup> Cf. J. SCHILDENBERGER, *Prophet*, em J. B. BAUER (ed.), *Encyclopedia of Biblical Theology*, New York: Crossroad 1981, pp. 716-722; F. SCHNEIDER, *Prophètes*, em H. BALZ-G. SCHNEIDER (eds.), *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*, Brescia: Paideia 2004, cc. 1187 e 1191-1192.

<sup>9</sup> Cf. CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da Evangelização* (3 dezembro 2007), 11, em EV 24/1541 (o texto do EV difere ligeiramente do publicado pela página web vaticana).

<sup>10</sup> Embora Deus tenha querido que o caminho do homem para Ele passasse através duma comunidade, uma realidade social com aspectos familiares, comunitários, culturais, etc., existe uma diferença entre Israel e a Igreja: Deus escolheu um povo e, com Cristo, não o destruiu, mas refundou-o. A partir de Cristo a Igreja tem uma dimensão social e visível como a tinha Israel, mas essa dimensão já não constitui uma sociedade política; cf. B.-D. DE LA SOUJEULE, *La Chiesa Popolo di Dio*, em «Communio» 226 (2010/4) 34-41.

de Pentecostes, a Igreja manifesta, com toda a clareza, esta dimensão pública do crer e do anunciar, sem temor, a própria fé a cada pessoa»<sup>11</sup>.

A transmissão da fé não se limita àquilo que cada cristão pode comunicar por palavra ou por um comportamento singular que leve os outros a formularem questões essenciais para as suas respectivas vidas. Também a Igreja é, enquanto comunidade, o sujeito que transmite a fé. Normalmente encontramos em teologia o desenvolvimento desta realidade segundo duas grandes ideias.

Por um lado procura-se mostrar que a fé e a salvação não têm um carácter individualista, porque a fé é recebida *da* Igreja e leva-nos à salvação, que também é dada *na* Igreja. A Igreja não é o fruto do conjunto daqueles que decidiram seguir Jesus e que num segundo momento se uniram ao reconhecer-se mutuamente como discípulos de Cristo<sup>12</sup>. Ela existe *antes* de cada cristão, e cada um pode dizer «eu creio» porque está *nEla*. Portanto, a Igreja aparece como a condição necessária para a formação de cada cristão: a fé é essencialmente eclesial, e é através da Igreja que o homem se encontra com Cristo<sup>13</sup>. Este carácter prévio da Igreja em relação a cada um dos cristãos é o fundamento da visão da Igreja como «instituição». De facto, em muitos teólogos católicos contemporâneos a ideia de instituição provém, entre outras coisas, desta anterioridade cronológica e ontológica da Igreja, e não nasce duma compreensão liberal do termo.

Por outro lado, a teologia actual sublinha que a Igreja existe nas pessoas e só derivadamente nas coisas ou, se quisermos, nos elementos «institucionais». A comunidade eclesial é – antes de mais nada – relação com Deus Pai, em Cristo, pelo Espírito, fundando-se nessa relação uma nova relação recíproca entre os homens<sup>14</sup>. Nos primeiros séculos encontram-se alguns testemunhos nesse sentido, quando se trata de explicar a diferença entre o templo em que se reúnem os cristãos e o «nós», comunidade reunida permanentemente por Deus em seu Filho através da Eucaristia<sup>15</sup>. A relação entre pessoas pode-se materializar em

---

<sup>11</sup> BENTO XVI, Carta Ap. *Porta fidei* (11 outubro 2011), 10; cf. também *ibidem*, 6 e 7, em AAS 103 (2011) 726-730, versão portuguesa publicada pelas Paulinas (Prior Velho 2011), com ligeiras adaptações nossas.

<sup>12</sup> Cf. H. DE LUBAC, *Cattolicismo*, Milano: Jaca Book 1978, p. 35.

<sup>13</sup> Cf. BENTO XVI, *Porta fidei* (11 outubro 2011), 10, em AAS 103 (2011) 729.

<sup>14</sup> «[L]a “comunità” cristiana non può essere spiegata in modo orizzontale, essenzialmente sociologico. Il rapporto col Signore, la provenienza e l’orientamento a Lui è la condizione della sua esistenza; si può persino dire: nella sua essenza la Chiesa è rapporto, un rapporto fondato dall’amore di Cristo che per parte sua fonda anche un nuovo rapporto reciproco tra gli uomini» J. RATZINGER, *Guardare al Crocifisso*, Milano: Jaca Book 1992, p. 79.

<sup>15</sup> Para Agostinho, o equivalente ao templo dos pagãos é, para os cristãos, não a casa de Deus e sim o «nós», a comunidade de Deus, o seu Povo. O lugar torna-se importante só na medida em que significa o sítio em que o Povo de Deus se reúne, isto é: porque esse lugar representa esse povo,



coisas, hábitos, leis, etc., mas essas concretizações têm um valor diversificado, conforme a importância e o sentido com que foram instituídas (por Deus ou pelos homens).

Portanto, na *traditio Evangelii* a Igreja é um sujeito principal, a Mãe que gera filhos para Deus e os faz crescer na santidade. Ao mesmo tempo, no complexo social de pessoas e coisas que é a Igreja, o elemento pessoal – as pessoas divinas e as pessoas humanas – tem prioridade porque é fim e porque é o lugar onde reside a comunhão. O resto recebe o seu valor e sentido do primeiro elemento e, por isso, pode ser chamado, de certo modo, como «sacramento da comunhão».

A Igreja e o cristão transmitem a fé e não devem ser tomados, uma e outro, como sujeitos isolados um do outro e sim no seu conjunto. Isto significa que a transmissão da salvação não se resume nem em formas institucionais (ou sociais) nem em relações de pessoa a pessoa. E isto também quer dizer que a Igreja e o cristão não são dois modos alternativos ou opostos de transmitir a fé<sup>16</sup>. O próprio «viver em comunhão» enquanto tal é um meio de transmissão da Boa Nova de Cristo.

Este modo de ver a *traditio Evangelii* favorece a compreensão da unidade que existe entre o momento verbal e vivencial, entre a palavra e o testemunho. Além disso, esta perspectiva abre-nos a porta para uma visão da Igreja como comunidade profética, que é um campo da eclesiologia que ainda está pouco desenvolvido.

## II. A Igreja enquanto comunidade que transmite o Evangelho

Analisando o Novo Testamento percebe-se que a intenção de Cristo quando fundou a Igreja como comunidade não foi a de criar uma sociedade que perpetuasse as suas ideias sobre o mundo, ou um comportamento determinado – uma moral –, uma filosofia ou uma simples memória histórica da sua vida. Embora Cristo tenha querido difundir os seus ensinamentos, não pediu aos apóstolos que criassem uma escola de copistas ou uma entidade desse género.

---

cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *Epistula* 190, em PL 33, 863. Este templo de Deus, que é a comunidade viva, designa o corpo de Cristo, na sua relação com a Eucaristia, e torna-se presente através da inabitância de Deus no cristão, que é templo de Deus, cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *Enarrationes in psalmos* 30, 2, 8, em PL 36, 494. Também em Tertuliano se encontra esta ideia do cristão como aquele em quem habita Deus; em Sto. Agostinho esta ideia aparece em termos mais intelectuais e individuais, enquanto que em Tertuliano ela é mais eclesial e pneumatológica. Como em outros autores que agora não veremos, a Igreja não se vê prevalentemente como algo de externo e «institucional» (no sentido moderno e liberal do termo).

<sup>16</sup> Na visão católica não existe a oposição liberal entre indivíduo e instituição.



Em certo sentido isto pode parecer surpreendente: a fundação e estruturação da Igreja tal e como ela foi querida por Cristo, com a ordenação do sacerdócio comum e ministerial (cf. LG 10) e com uma estruturação que corresponde a um nível fraterno de igualdade, cuja origem está no Baptismo e na Confirmação, e a um nível de ordem hierárquico, que se apoia no sacramento da Ordem, esta estruturação – dizíamos – não parece corresponder bem àquilo que seria a «forma óptima» de organismo de difusão duma boa notícia ou de qualquer tipo específico de comportamento.

Para conhecer melhor o tipo de relação entre a estrutura da Igreja e a transmissão da fé é preciso ter em conta duas razões teológicas. Em primeiro lugar, a Igreja não só foi fundada por Cristo mas também foi *unida* a Ele. O Verbo encarnado está sempre com a sua Igreja (cf. Mt 28,18). Por isso em cada actividade da Igreja Cristo está presente e activo pelo Espírito, embora em diversos graus, conforme seja o tipo de actividade de que se trate. Em segundo lugar, o Evangelho não é só uma doutrina, mas também é a força ou potência de Deus (*dynamis Tehou*) para a salvação daqueles que crêem (cf. Rm 1,16). Por isso a missão profética, o *tradere Evangelium*, não é uma simples comunicação de conteúdos noéticos, nem a salvação que se lhe segue é uma gnose. A entrega do Evangelho também não é a difusão duma mera frequência de ritos sacramentais e comportamentos previstos, e a salvação subsequente não consiste num específico modo de vida que emerge deles, ainda que em tais comportamentos e celebrações possamos descortinar uma dimensão profética.

A Igreja é muito mais do que a sua missão evangelizadora, quando esta última é entendida unicamente na particularidade do anúncio da palavra ou na celebração dos sacramentos. Além disso, tudo o que a Igreja faz na terra tem um influxo directo ou indirecto na propagação do Evangelho. Isto quer dizer que a forma da Igreja *in via* não se pode deduzir da missão que ela recebeu, mas pode-se verificar a coerência e conveniência da forma para a missão da Igreja, visto que Cristo a fundou e a enviou com uma missão precisa. Mais ainda, é precisamente na vontade de Cristo, que quis a Igreja assim e a enviou a uma missão, que se pode descobrir a conveniência dessa forma para essa missão.

Há muitos momentos da vida de Jesus em que a Igreja descobre o mistério da sua fundação e origem nEle, mas nenhum deles esgota a categoria de «acto de fundação»<sup>17</sup>. Todos eles, tomados no seu conjunto, compõem a fundação da Igreja. Ela foi fundada *na vida de Cristo*, sem que se possa isolar um momento concreto que seja o acto fundador da Igreja. Isto significa que em todo o con-

---

<sup>17</sup> Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Temas escolhidos de ecclesiologia* (7 outubro 1985), 1.3, em EV 9/1676.

viver do Verbo encarnado com os homens e, mais concretamente, com Nossa Senhora e com os apóstolos, está a origem da Igreja. Além disso, Cristo pediu aos apóstolos muito mais do que a dedicação parcial da vida deles. O chamamento dos apóstolos abrangia toda a vida dos eleitos, e assim foi entendido por todos os cristãos desde o início.

O anúncio do Evangelho entende-se sempre como uma missão a realizar continuamente, mas principalmente através da vida, da pregação e da celebração dos sacramentos. Tal como Cristo tinha fundado uma comunidade estável de discípulos (cf. Mt 3,14-15), com os quais falava com mais ou menos formalidade conforme as circunstâncias, assim fizeram os apóstolos. Tal como Cristo viveu para fazer a vontade do Pai, isto é, para O revelar aos homens, e estabeleceu a comunhão dos homens com Deus durante toda a Sua vida na terra, assim os apóstolos – seguindo Cristo – dedicaram toda a sua vida a fazer a Igreja, que é a comunhão com Deus, vivendo-a: anunciaram Cristo com a palavra mas também com a vida, vivendo – e morrendo – por Cristo<sup>18</sup>. Assim, enfim, também os primeiros cristãos transmitiram a fé, a Palavra de Deus. E isto tem um significado teológico de grande importância porque permite entender que a Igreja não se resume nem determina num só tipo de acção (por exemplo, a pregação apostólica ou a atenção às viúvas). A escolha divina de fundar a Igreja dessa maneira tem implicações na *traditio Evangelii*, não se limitando esta última só à pregação apostólica (palavra) ou à atenção dos mais necessitados (testemunho), nem a uma leitura demasiado específica daquilo que é palavra e testemunho.

Jesus transmitiu a Boa Nova através do seu «viver com» os apóstolos e os discípulos (cf. DV 7)<sup>19</sup>. A Igreja prosseguiu essa modalidade que o Senhor escolheu para transmitir o Evangelho, visto que ela é chamada a transmiti-lo con-vivendo com os homens. Ela desenvolve a sua missão não só no primeiro anúncio testemunhal e verbal, mas também naquilo que repetidamente e de diversos modos oferece a todos aqueles que já são seus filhos e que, portanto, habitam nela. O texto de LG n.º 12 afirma que «o povo santo de Deus participa

---

<sup>18</sup> Cf. CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da Evangelização*, 8, em EV 24/1531-1533.

<sup>19</sup> O texto conciliar diz que os apóstolos transmitiram aquilo que tinham recebido «*ex ore, conversatione et operibus Christi*»; e o cardeal Betti explica-o assim: «Dio mediante l'Incarnazione ha comunicato la sua Rivelazione per contatto. A differenza di quello degli agiografi e delle altre persone che hanno avuto parte nella storia della salvezza, quello tra Cristo e gli Apostoli non è un rapporto tra Dio e gli uomini a distanza: è una relazione immediata tra persona e persona» U. BETTI, *La Costituzione dogmatica*, cit., p. 255. O contacto com Cristo designa-se com a palavra *conversatio*, que em latim não significa só uma conversa entre duas pessoas, mas também o uso frequente de algo, um género de vida e, concretamente, uma forma diferente de viver, cf. R. ARCE GARGOLLO, *Los apóstoles, transmisores de la Revelación*, cit., pp. 331-334.

também da função profética de Cristo quando dá um testemunho vivo dEle, sobretudo pela vida de fé e de caridade, e quando oferece a Deus um sacrifício de louvor»<sup>20</sup>. A transmissão da Palavra de Deus baseia-se na participação de todos os fiéis na função profética de Cristo, sendo uma dimensão característica da Igreja no seu conjunto. Na *Relatio* explica-se que a frase que citámos foi introduzida para manifestar mais claramente a ligação entre o sacerdócio comum e o *munus propheticum*. Os Padres conciliares consideravam que a função profética se manifesta particularmente no testemunho da vida de fé e caridade, como um acto *quasi liturgicus*, confirmando assim a relação entre o exercício do sacerdócio comum e a função profética<sup>21</sup>. Desta última surge o testemunho vivo e o culto espiritual citados, que são vistos no texto conciliar como exercício peculiar da função profética.

Portanto, todos os momentos da vida do fiel têm a faculdade de poder ser ordenados a Deus e também podem manifestar Deus aos outros<sup>22</sup>. Com outros termos, pode-se afirmar que não existe uma tipologia de acções que seja profética e diferente do resto da vida do cristão, ou diversa de outras obras que teriam uma função diferente. Em cada acção de Cristo, que é sempre o mediador, podemos descobrir a dimensão real, profética e sacerdotal; em cada acto do cristão pode-se proceder de modo análogo, tendo em conta que os vários *munera* existem unidos. Cada acção cristã não é só profética, ou exclusivamente real (ou sacerdotal), compreendendo sempre as três dimensões<sup>23</sup>.

Na descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e os outros cento e vinte que estavam no andar de cima realiza-se o que tinha sido profetizado por Joel:

---

<sup>20</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Const. Dogm. *Lumen gentium*, 12, em EV 1/316. A tradução é nossa.

<sup>21</sup> Cf. F. GIL-HELLÍN, *Concilii Vaticani II Synopsis. Constitutio dogmatica de Ecclesia Lumen gentium*, Città del Vaticano: LEV 1995, p. 96. Em LG 35, pelo contrário, o texto refere-se particularmente à função profética dos leigos.

<sup>22</sup> «O modo de os leigos contribuírem para a santidade e para o apostolado da Igreja consiste na acção livre e responsável no seio das estruturas temporais, aí levando o fermento da mensagem cristã. O testemunho de vida cristã, a palavra que ilumina em nome de Deus e a acção responsável, para servir os outros, contribuindo para a resolução de problemas comuns, são outras tantas manifestações dessa presença através da qual o cristão corrente cumpre a sua missão divina [...] para seguir Cristo, para servir a Igreja, para ajudar os outros homens a reconhecerem o seu destino eterno, não é indispensável abandonar o mundo ou afastar-se dele, nem sequer é preciso dedicar-se a uma actividade eclesial; a condição necessária e suficiente é cumprir a missão que Deus encomendou a cada um, no lugar e no ambiente queridos pela sua Providência », JOSEMARÍA ESCRIVÁ, *Temas actuais do cristianismo. Entrevistas com o fundador do Opus Dei*, Lisboa: Ed. Rei dos Livros 1984, nn. 59 e 60.

<sup>23</sup> Cf. F. OCÁRIZ, *La participación del laico en la misión de la Iglesia*, em R. PELLITERO (dir.), *Los laicos en la eclesiología del Concilio Vaticano II. Santificar el mundo desde dentro*, Madrid: Rialp 2006, pp. 51-52. O texto refere-se ao cristão em geral e não exclusivamente ao leigo.

toda a comunidade, das crianças aos velhos, leva a palavra do Senhor a todos; ao mesmo tempo, existe um papel de pregação com autoridade específica que é desempenhado pelos apóstolos e, em primeiro lugar, por Pedro. Portanto, a Igreja apresenta-se em Pentecostes como uma comunidade que transmite, toda ela, a Palavra de Deus. Naquele momento específico fá-lo através da primeira pregação apostólica, petrina, mas nos Actos dos Apóstolos observa-se o desenvolvimento desta transmissão do Evangelho, com a palavra e a vida. Quem transmite a Palavra de Deus sob o influxo do Espírito Santo é toda a comunidade, estruturada segundo a vontade de Deus. Não são só os apóstolos, mas todos os cristãos (pense-se em Áquila e Priscila, nas diversas famílias cristãs que são células de novas igrejas). E não é só através da pregação mas também através de boas obras e milagres.

Neste sentido convém dar mais atenção aos fiéis leigos enquanto sujeitos activos do testemunho vivo da fé<sup>24</sup>. Eles, como todos, podem desenvolver plenamente o seu sacerdócio comum e ser mediadores da Palavra de Deus para os irmãos e para todos os homens. Concretamente, o papel dos leigos na direcção espiritual (um exemplo de transmissão da palavra que não está nunca isolado do testemunho) é um dos casos de exercício do seu papel de mediação querido por Cristo para todos os cristãos<sup>25</sup>. Pode-se também dizer que a própria vida dos cristãos, enquanto guiada pela caridade fraterna (cf. Jo 13,34-35), e não um determinado tipo de acção, fará entender aos outros que estão diante de algo que surpreende (o reflexo do testemunho) e o diálogo posterior poderá esclarecer que no centro dessa surpresa está a Boa Nova de Jesus (através do exercício da palavra).

Em resumo, tanto Jesus com toda a sua vida, como a Igreja, na sua vida variada, transmitem a Revelação. Quando a Igreja transmite, no seu culto, no seu ensinamento e com a sua própria vida tudo aquilo que ela recebeu e Cristo (cf. DV 8), não faz outra coisa que continuar a exercer a modalidade com a qual o próprio Cristo transmitiu a verdade recebida do Pai. A Igreja é uma comunhão de vida e, se olharmos para a sua forma na terra, podemos reconhecer que existe uma congruência entre esta e o modo de transmissão da salvação que Cristo escolheu para si e para a Igreja.

Por isso, dizer que a Igreja é – toda ela – uma «comunidade profética» não quer dizer que estamos a reivindicar um papel de pregação para os leigos,

---

<sup>24</sup> Cf. J. E. BORGES DE PINHO, *Trinta anos de reflexão eclesiológica. Caminhos, questões e tarefas na recepção do Concílio*, em «Humanística e Teologia» 31 (2010/2) 84.

<sup>25</sup> Cf. G. DERVILLE, *La dirección espiritual personal: una aproximación teológico-espiritual desde la experiencia del Opus Dei*, 14-16, em [www.collationes.org](http://www.collationes.org).

um estatuto magisterial para os teólogos ou uma função ministerial para as mulheres<sup>26</sup>. A expressão significa, pelo contrário, que a Igreja enquanto tal não está concebida com o fim de realizar um determinado tipo de actividade (por exemplo, a pregação) e que ela transmite a Revelação divina com todas as suas actividades, com a sua vida. A razão da comunhão na Igreja, o que a determina como união de cristãos, é o Espírito, que une a Igreja com Cristo através dos sacramentos e outros dons (entre os quais está o *sensus fidei* e a sua expressão eclesial no *sensus fidelium*). O «viver» desta comunhão sobre a terra, *organice structa* (LG 11), com a riqueza das suas actividades entre as quais sobressaem as sacramentais propriamente ditas (que são fundamentais para ela), este «viver», dizíamos, em si mesmo transmite o Evangelho. Por isso, dizer que a Igreja é comunidade profética significa que através da vida cristã vivida, na riqueza das experiências de que ela se compõe, se transmite Cristo. A própria vida da Igreja enquanto comunidade organicamente estruturada transmite a Boa Nova de Cristo, mais ou menos bem, conforme a correspondência humana aos dons divinos.

Noutros termos, dizer que a Igreja é comunidade profética não quer dizer que é uma comunidade que, entre outras coisas, anuncia a Palavra de Deus; seria uma visão minimalista da expressão. O profetismo caracteriza, pelo contrário, toda a sua vida na terra, o seu culto, o seu ensinamento, o seu modo de viver e avaliar tudo o que existe e acontece no mundo. Em todos os aspectos a Igreja anuncia o amor de Deus pelos homens e, quando verifica que não o faz suficientemente, renova, reforma e modifica o que for preciso, sempre à luz do desígnio divino e da salvação dos homens.

### III. Consequências da consideração da Igreja como comunidade profética

Tenhamos presente que a Igreja transmite às gerações seguintes de cristãos o depósito da Revelação, na sua integridade, através da incorporação de cada fiel na comunhão com Cristo e com ela. Isto realiza-se através da vivência normal e corrente da fé, composta de actos sacramentais, actos de proclamação da Palavra de Deus, actividade catequética, de direcção espiritual, e do amplo e variado «viver» dos cristãos, isto é, vivendo com os outros cristãos,

---

<sup>26</sup> O uso da expressão «comunidade profética» em sentido reivindicativo, como forma de contestação da autoridade ou meio de difusão de novas revelações pode ter sido a razão pela qual esta dimensão da Igreja foi relativamente esquecida ou pouco tratada. No âmbito da teologia fundamental existem também outras razões que levaram a este relativo esquecimento do profetismo, cf. M. PONCE CUELLAR, *La Iglesia misterio de comunión*, Valencia: Edicep 2011, p. 248; G. CANOBBIO, *Laici o cristiani?*, Brescia: Morcelliana 1997, pp. 222-223.

na variedade das suas respectivas posições eclesiológicas<sup>27</sup>. A Igreja enquanto tal – como comunidade que vive na terra e na história – transmite a fé, e precisamente isto ajuda a aprofundar o sentido em que a chamamos «comunidade profética». É o que vamos fazer neste apartado através do exame de algumas consequências que derivam desta consideração da comunidade eclesial como capaz de dizer em nome de Deus, e com toda a sua vida, aquilo que Ele quis transmitir aos homens.

A primeira consequência é a salvaguarda do carácter performativo e não só informativo da fé. Quando a Igreja se autocompreende como comunidade profética sublinha-se mais que a mensagem cristã não se limita à comunicação de conhecimentos – a uma *gnose*, se quisermos –, sendo principalmente uma *traditio* que implica factos e transforma a vida<sup>28</sup>. É precisamente devido ao facto da Igreja viver *com* Cristo e *de* Cristo que ela pode transmitir às gerações sucessivas *uma vida* e um *viver com* que são divinos e não só um conjunto de ideias e de prescrições que garantem a salvação a quem as observa<sup>29</sup>.

A segunda consequência consiste na resposta ao farisaísmo, que é um perigo sempre presente e ligeiramente evocado na última frase do parágrafo anterior. A comunidade profética leva a ver a Igreja como um viver com Cristo e de Cristo para O poder transmitir *com a vida* – isto é: através «do viver com Ele» – aos outros. Quando cada cristão entra na Igreja, é acolhido numa comunidade de vida em Cristo com aspectos permanentes e mutáveis. Além de o acolher, a Igreja pede-lhe que transmita tudo o que recebe com a própria vida pessoal e comunitária. Neste processo existem coisas que, com a mudança das circunstâncias, se tornam acessórias ou obsoletas, haverá outras que será necessário melhorar, outras ainda será preciso criar de novo, e outras será preciso defender... e tudo isto com o fim de poder entregar às gerações futuras a vida recebida. O que acabamos de descrever não acontece

---

<sup>27</sup> Cf. CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspectos da Evangelização*, 9, em EV 24/1535.

<sup>28</sup> «O cristianismo não era apenas uma “boa nova”, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem actual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só “informativa”, mas “performativa”. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida», BENTO XVI, Enc. *Spe salvi* (30 dezembro 2007), 2, em EV 24/1440, versão portuguesa publicada pelas Paulinas (Prior Velho 2007).

<sup>29</sup> Estas palavras dum conhecido teólogo podem iluminar um pouco o que acabamos de considerar: «un evento si comunica solo attraverso un altro evento. Una testimonianza si trasmette solo attraverso un'altra testimonianza. Una libertà si propone solo ad un'altra libertà. Se il soggetto adeguato a comunicare l'evento Gesù Cristo è la comunità, essa è chiamata a sua volta ad essere un evento concreto, incontrabile, testimoniato, libero», A. SCOLA, *Chi è la Chiesa?*, Brescia: Queriniana 2005, p. 248.

porque a vida que se recebeu tenha porventura perdido o seu vigor e força próprios, e sim porque em cada geração é preciso encarnar essa vida, coisa que é feita com mais ou menos êxito conforme a graça e a correspondência dos homens: esta «encarnação» da vida exige que em cada época se recomece desde o princípio<sup>30</sup>. Não é possível cristalizar e «regular» a vida, fixá-la. Ela – na sua identidade fundamental – transmite-se livremente e acolhe-se na liberdade. A tentação permanente do farisaísmo é a de pensar que as leis, os costumes e as instituições são capazes por si sós de transmitir a vida em Cristo ou de proteger a sua transmissão. Na verdade elas são só elementos normativos<sup>31</sup> desse «viver em Cristo» da comunidade cristã. Quando o viver em Cristo se limita à observância da lei ou do costume recebido da geração anterior, deixa de ser um aspecto normal da vida e torna-se um peso sem sentido que se entrega por inércia e sem a fecundidade criativa que tinha noutros tempos.

Na sua viagem a Portugal, o Romano Pontífice prevenia-nos contra um perigo que pode conduzir a esta situação: a excessiva preocupação pelos efeitos sociais, culturais e políticos do compromisso cristão que dá por descontado que a fé seja um pressuposto óbvio da vida comum<sup>32</sup>. De facto, na nossa sociedade este pressuposto já não existe e às vezes é explicitamente negado como fundamento comum a todos. Portanto, o apelo do Papa vai no sentido de uma justa preocupação pelas consequências externas e sociais da fé vivida, juntamente com um aprofundamento pessoal da fé que vivifica tais consequências e manifestações<sup>33</sup>. A ameaça do farisaísmo não está nas decisões erradas e sim no sentido e intenção com que elas são tomadas. Também aqui se vê que a mútua relação entre palavra e testemunho na comunidade profética evita o erro da transmissão de costumes que não se percebem (o testemunho desligado do princípio inspirador, tornando-se

---

<sup>30</sup> «No âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do ser humano é sempre nova e deve sempre de novo tomar as suas decisões. Nunca aparecem simplesmente já tomadas em nossa vez por outros – nesse caso, de facto, deixaríamos de ser livres. A liberdade pressupõe que, nas decisões fundamentais, cada pessoa, cada geração seja um novo início», BENTO XVI, *Spe salvi*, 24, em EV 24/1462, versão portuguesa já indicada na nt 28.

<sup>31</sup> Com o termo «normativo» queremos indicar aquilo que é segundo a norma, mas também queremos indicar que se trata de algo habitual, visto que a fé – exigindo uma visibilidade e uma missão – pede uma formulação que, manifestando a verdade, pode ter uma diversidade própria.

<sup>32</sup> Cf. BENTO XVI, *Homília no Terreiro do Paço, Lisboa* (11 maio 2010), em *Insegnamenti di Benedetto XVI*, Vol. 6/1, Città del Vaticano: LEV 2010, p. 673; veja-se também *Porta fidei*, 2.

<sup>33</sup> Cf. BENTO XVI, *Discurso à plenária do Pontifício Conselho dos Leigos* (25 novembro 2011), em «L'Osservatore Romano» 151, n. 273 (sábado 26 novembro 2011) 8.



assim caricatura de si próprio) ou a comunicação de inspirações que são só vãos desejos (a palavra que não encontra uma realização verdadeira na vivência comunitária ou pessoal)<sup>34</sup>.

A terceira consequência que queremos indicar é que, quando se vê a Igreja como comunidade profética, percebe-se de forma mais integrada as dinâmicas – pessoal e comunitária – que estão presentes na transmissão da Palavra de Deus e no testemunho. Não se trata só de afirmar que palavra e testemunho estão ligados intrinsecamente, e sim de indicar que a transmissão no âmbito pessoal e no âmbito comunitário se encontram em estreita relação. Talvez por causa da alguma influência liberal, o nível comunitário foi visto como fruto da vontade exclusiva dos indivíduos, sem uma referência explícita à natureza social do homem nem à *catolicidade* fundamental da fé. Isto leva ao esquecimento ou desprezo do âmbito social a favor do individual, quando não chega mesmo a uma oposição entre os dois. Às vezes este estado de coisas materializou-se nalguns sectores da literatura católica que se orientaram para a pretensão de uma autenticidade pessoal no seguimento de Jesus, em oposição ou reacção a um certo «convencionalismo» social católico mal entendido, e por isso considerado hipócrita e sem sentido. Outras vezes a concretização dessa ideia levou a dar atenção ao enraizamento das virtudes na pessoa – que é livre – e a esquecer o valor que os aspectos exteriores e sociais das virtudes têm na configuração dos costumes e regras do ambiente social. Esta corrente teve muito êxito nos últimos sessenta anos e desconstruiu algumas das garantias que a visão liberal da sociedade ainda não tinha abordado. Tudo isto fez que a atenção se tenha dirigido principalmente para a pessoa, esquecendo a sociedade, o que tem os seus pontos positivos. Mas não poucas vezes fez-se à custa do esquecimento da comunidade enquanto âmbito no qual a pessoa nasce, cresce e pode chegar à sua plenitude, porque tal contexto social era interpretado segundo a leitura liberal do termo «sociedade».

É necessário não esquecer que palavra e testemunho não podem ser vistos só como meios de comunicar a fé entre indivíduos. Os dois têm também como

---

<sup>34</sup> Num ensaio de 1939, sob o título de *Ideia duma sociedade cristã*, T.S. Eliot defendia que o cristão deve influenciar a sociedade a um nível pré-político, isto é, naquele espaço em que se encontra a sociedade mas não está presente a configuração jurídica do estado. Não vamos entrar no mérito da definição do âmbito pré-político. Interessa-nos principalmente assinalar que ele considerava mais importante a existência duma sociedade cristã do que a existência de governantes cristãos, visto que numa sociedade cristã um político pagão não poderia impor leis anti-cristãs ou que lesassem a dignidade da pessoa humana, devido ao tecido social e, do ponto de vista contrário, Eliot considerava que um governo de cristãos numa sociedade postcristã ou pagã que desprezasse o *ethos* cristão não teria quaisquer condições para poder agir. A Conclusão é óbvia: quando não se vive a fé no dia-a-dia, não é suficiente confiar nas leis ou nas posições já definidas pelo estado.

sujeito de transmissão a própria Igreja, segundo a vontade de Deus. Ele dispôs que o homem encontrasse a fé e crescesse nesta fé através da Igreja e através de outros cristãos, numa dinâmica que não se limita nela nem neles, visto que a *traditio* é um processo que se funda em ambos. Tanto o cristão como a Igreja são agentes que projectam e exprimem culturalmente e socialmente aquilo em que crêem. Essa projecção tem a capacidade de configurar, por exemplo, elementos culturais e artísticos da sociedade e da própria Igreja, criando um «clima cristão» na sociedade, que, sendo variado e mutável, apresenta aspectos permanentes. A comunidade cristã que vive a fé e a criação cultural que os fiéis e as comunidades realizam, enquanto *viver da fé* e *viver a fé*, têm um papel importante – ainda que diversificado – no estímulo das virtudes e do bem que cada um deverá realizar pessoalmente. Não é casual que Bento XVI tenha insistido nas raízes cristãs da Europa, na presença concreta de Deus no mundo e na função humanizadora da fé. Também não o é a sua denúncia da ditadura do relativismo nas sociedades modernas.

Estamos muito longe da dialéctica que opõe as virtudes pessoais aos, por assim dizer, «convencionalismos sociais» caricaturados na sociedade vitoriana. É certo que as virtudes são pessoais e não pertencem à sociedade, mas isso não quer dizer que podemos desconstruir as formas sociais em que se apoia e sedimenta a vida de muitas gerações de cristãos, guiados por uma certa ingenuidade romântica ou pela ideologia (seguindo o liberalismo de Rousseau ou doutro género). A banalização e dissolução desta realidade só pode levar ao reforço da vivência pessoal da fé quando ao mesmo tempo se garante o ambiente comunitário necessário para o crescimento do «viver cristão». A dissolução de tais formas sociais, se é advogada sem ter em conta o liberalismo em que nos movemos, só leva à fragmentação da sociedade, da família e das pessoas.

Na visão católica há que tomar em consideração tanto a comunidade como a pessoa, sem as opor entre si, visto que a relação que elas têm entre si as enriquece mutuamente. Ao homem não lhe é indiferente o tipo de sociedade em que vive, especialmente se se trata de alcançar o seu fim último. Neste campo há espaço para reformas sociais e da Igreja, para a apropriação pessoal daquilo que nos foi transmitido pelas gerações anteriores, para melhorar e para ser criativos. O que é alheio à *phronesis* católica é a insistência nas virtudes pessoais por oposição aos «convencionalismos» ou materializações sociais da fé. A fé requer sempre uma visibilidade social e é dada a cada um pela Igreja.

Uma última consequência que queremos referir está ligada à nova evangelização convocada recentemente por Bento XVI, no contexto da ampla difusão do relativismo e do secularismo. Ela passa em grande parte através de espaços sociais em que o cristão pode viver com alegria a sua fé. Na medida em que a

Igreja favorece a existência de comunidades em que se dá esta possibilidade, em que se neutraliza o influxo do secularismo, crescem as decisões de santidade e de vida cristã. O cristão, que hoje vive numa sociedade e cultura muito seculares, tem necessidade dum ambiente em que viva com serena autenticidade e alegria a sua fé, sem sentir acusações, troças ou indiferença da sociedade secular. Precisa duma comunidade onde não deva estar sempre à defesa, diminuindo as suas legítimas exigências ou devendo quase pedir desculpa de ser um católico coerente.

Verifica-se que nos sítios em que a Igreja conseguiu criar estes espaços e estas comunidades, torna-se mais viva. Esses ambientes são o íman que atrai, e nelas o Espírito Santo tem estado a fazer germinar diversos frutos: vocações à vida consagrada, ao ministério, às missões e a um laicado consciente da própria vocação e missão. O desafio da nova evangelização passa, certamente, pelo anúncio a cada pessoa, mas também é exigida a todos uma nova consciência do carácter profético da comunidade, isto é: dos pequenos espaços onde *o viver* daquelas poucas pessoas ajuda a crescer na fé e atrai com o amor fraterno que se observa entre os seus membros. Esse *viver* dá ao cristão a prova de que é possível seguir Cristo hoje.

A Igreja entendida como comunidade profética é, assim, o lugar teológico onde se realiza a transmissão da Palavra de Deus, não limitando-se – esta – nem à pregação, nem à vida das pessoas. Certamente entre ambas existe uma relação, mas, mais além dela, a compreensão da Igreja como comunidade profética ajuda a ler a palavra e o testemunho como dois momentos específicos que se dão na vida vivida da comunidade.

Parece-nos que S. Josemaría Escrivá partia desta perspectiva quando olhava para o cristão que evangeliza. Concretamente, isto manifesta-se na sua visão do apostolado como actividade que não está circunscrita nos momentos em que se fala de Deus, ou dando-se porventura em paralelo com o resto da vida do fiel cristão. Ele de facto via a missão apostólica principalmente como anúncio de Cristo no *viver* habitual do cristão e, portanto, na sua profissão, na sua vida familiar, e no seu repouso. Por isso ele usava duas expressões diferentes para manifestar estas duas compreensões da missão: chamava «apostolado profissional» à missão apostólica que flui do empenho por viver santamente todas as circunstâncias da própria vida, entre as quais uma importante é a própria profissão; e chamava «apostolado como profissão» àquela actividade apostólica que não está em ligação vital com a vivência do cristão ou se limita aos momentos em que se fala de Deus<sup>35</sup>. Parece-nos que esta distinção se pode

---

<sup>35</sup> Cf. JOSEMARÍA ESCRIVÁ, *Camino. Edición crítico-histórica preparada por Pedro Rodríguez*, Madrid: Rialp 2004<sup>3</sup>, pp. 523-525; vejam-se os nn. 346 e 347 do livro e o comentário de P. Rodríguez.

---

situar eclesiologicamente no discurso sobre a comunidade profética, tal como o expusemos sumariamente nestas páginas.

O viver com Cristo que caracteriza a Igreja não é algo que permanece inactivo ou um mero dado de facto, visto que transmite a fé e se abre a outras formas de transmissão diferentes, mas não substitutivas, como a palavra e o testemunho. Esta realidade é duma grande importância, merecendo a nossa atenção neste momento, em que Bento XVI convoca a Igreja para uma nova evangelização.